

# “O FASCISMO FAZ PARTE DA DEFINIÇÃO DO CAPITALISMO”

Daniel Garcia



Na sala de sua residência, o professor Paulo Arantes (FFLCH) concede entrevista à *Revista Adusp*

*Em agosto último, o filósofo Paulo Eduardo Arantes, 81 anos, recebeu a **Revista Adusp** para esta entrevista sobre conjuntura internacional, fascismo e questões correlatas. Tempos depois, após ler a transcrição editada da entrevista para a devida revisão, questionou, irreverente, se pretendíamos realmente “comprometer a seriedade da revista” e publicar declarações de alguém que já não tem “nenhuma reputação a perder”. Professor aposentado da FFLCH-USP, Arantes ainda atua como sênior, orientando três mestrados, três doutorados e três pós-doutorados*

**Revista Adusp.** Que mundo é esse que faz com que o fascismo se torne uma alternativa política viável em países tão diferentes como Brasil, Estados Unidos, Hungria, Filipinas?

**Paulo Arantes.** Essa pergunta todo mundo se faz, né? Sempre impliquei um pouquinho com o emprego da palavra fascismo. Nestes últimos anos, às vezes cabe, às vezes não cabe. Às vezes tem particularidades históricas que a gente não pode ignorar. O fascismo está muito conotado historicamente, ele se refere a uma conjuntura mundial muito específica, intercalada entre duas guerras mundiais: desemprego em massa, inflação em massa, a Grande Depressão de 1929-30. Aí sim vale a palavra para o ressentimento nacional da Alemanha, país derrotado na guerra e implacavelmente aniquilado pelo Tratado de Versalhes. Isso não se repete.

Por outro lado, falar em fascismo é quase trivial, porque o fascismo é sempre residual. O exercício violento do poder político com alvos precisos e de massa, de preferência, é certamente residual e vem à tona em momentos de crise; e quando eu digo residual, eu digo que é estrutural, o fascismo faz parte da definição do capitalismo. Não tem a menor dúvida.

O jovem Marx escreveu, literalmente, que o comunismo era a verdade finalmente revelada da história. Outros filósofos alemães disseram que, na verdade, não é o comunismo, é o fascismo que é a verdade revelada da história: a história tende para o fascismo. São filósofos alemães que você conhece: Adorno, Horkheimer e assim por diante. Cla-

ro que eles escreveram isso no auge [do nazismo]...

**Revista Adusp.** Muito impressionados...

**Paulo Arantes.** Muito impressionados com o que estava acontecendo na Europa, na Segunda Guerra, com os nazis, com o Japão, e também impressionados com o que estavam vendo nos Estados Unidos. Eles fugiram para os Estados Unidos em busca de refúgio. Os Estados Unidos pareciam um paraíso, como dizia a Hannah Arendt quando desembarcou nos Estados Unidos: “That’s the Paradise”. Por outro lado, eles viam que os americanos vendiam sabonete na televisão como Goebbels fazia discurso. Então, havia uma certa analogia estrutural entre o fascismo e o capitalismo dito civilizado, democrático, controlado — mais ou menos controlado, sem escravidão — e a Alemanha. Depois todo mundo foi estudar, não se estudava outra coisa a não ser fascismo: como é que aquilo aconteceu? Como é que foi possível aquele horror? E começaram a descobrir essas afinidades eletivas entre o capitalismo mais desenvolvido, mais “democrático”, com aspas ou sem aspas como o americano, e o III Reich.

Não só: os grandes hierarcas nazis tinham fascinação pelos Estados Unidos, por exemplo pela escravidão, pelo supremacismo branco, pela eugenia americana. A eugenia foi inventada nos Estados Unidos no início do século XX. Goebbels era um sincero admirador dos Estados Unidos. E apareceram grandes fascistas nos Estados Unidos, do Henry Ford ao Charles Lindbergh.

Até os Estados Unidos entrarem na guerra em 1941, o que nada teve a ver com razões humanitárias, foram razões puramente geopolíticas: impedir que a Alemanha se tornasse hegemônica no continente europeu, transformasse o continente numa fortaleza e aniquilasse a União Soviética. A União Soviética desafiava a Alemanha. Até lá os Estados Unidos faziam negócios com a Alemanha. A IBM estava lá com sua tecnologia hollerith fazendo os cartões perfurados para agilizar a gestão dos campos de concentração.

Então, quando a gente fala em fascismo, é chover no molhado. Como disse um americano: “Democracia é a cara política do capitalismo quando ele está indo de vento em popa. Quando as coisas começam a piorar para o seu lado, ele fecha a cara e é o fascismo”. É uma questão de grau, não é uma qualidade. Entregue a si mesmo, é o que está acontecendo. A explicação genérica que se daria para essa onda digamos autocrática, autoritária, populista de direita, extrema-direita, no limite fascista, se deve a uma outra coisa que a gente tende a esquecer — não só na Europa, mas sobretudo no Brasil, onde se imaginava que um dia, depois de um longo e doloroso processo de construção nacional, nós nos assemelharíamos, num tom menor, à democracia europeia, ou ao capitalismo democrático europeu no imediato pós-guerra, dos 30 anos gloriosos com pleno emprego, crescimento, seguro social, Estado social — nós nos esquecemos de que aquilo era uma exceção.

**Acreditávamos que havia afinidade entre capitalismo e democracia porque era a lorota que os capitalistas vendiam para o resto da sociedade: “Capitalismo e democracia andam juntos, não há possibilidade de o capitalismo funcionar que não seja em regime político democrático”. Totalmente falso**

Imaginávamos que aquilo iria durar para sempre. Quando estou falando “nós”, estou falando da esquerda em geral. Acreditávamos que havia uma espécie de afinidade entre capitalismo e democracia porque era, digamos, a lorota que os capitalistas vendiam para o resto da sociedade: “Capitalismo e democracia andam juntos, não há possibilidade de o capitalismo funcionar que não seja em um regime político democrático”. Totalmente falso. Foi um casamento forçado, de conveniência. Houve sim, houve democracia social, Estado social para ser mais correto, na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Itália do pós-guerra, vinte anos depois. Porque havia uma pressão de baixo muito grande, essa pressão de baixo chamava-se classe trabalhadora organizada, classe trabalhadora de maneira geral, não

apenas o operário da usina: os assalariados de maneira geral.

Fosse o que fosse a União Soviética, era sempre um fantasma do outro lado do corredor. Empurraram, abriram o sistema, forçaram um pacto: “Nós trabalhadores aceitamos a nossa exploração e em troca vocês aceitam a democracia e não vão nos ameaçar dia sim dia não com golpe, ditadura, repressão e assim por diante”. O capital estava desmoralizado pela derrota no nazifascismo, porque eles apoiaram — em surdina, mas apoiaram, sobretudo na França, sem falar na Alemanha, Itália e assim por diante.

**Revista Adusp.** O fascismo, ou neofascismo, é uma decorrência inevitável do neoliberalismo?

**Paulo Arantes.** Teto de gastos não foi inventado pelo Temer, por aqueles energúmenos. Já vem lá de trás com Thatcher, Reagan etc. “Então vocês agora são nossos reféns e nós somos uma classe em luta”. O capital é uma classe social em luta contra o resto da sociedade. Como disse o [Warren] Buffet: “Existe luta de classes, uma guerra social, e nós, capitalistas, estamos ganhando”. Ponto.

Nesse momento você começa a gerar uma crise sem tamanho, que começa a se sobrepor a outras crises, culminando na crise do aquecimento global, que produz miséria, migração, guerra, desintegração social, e, portanto, mais marginalidade em todos os sentidos, não marginalidade no sentido criminal. Então vai somando desemprego — aí o que você faz? Esse progresso tecnológico e revolução digital não se explicam apenas pelos belos olhos da performance econômica. Foram feitos para

ferrar os caras lá embaixo. “Vamos tirar emprego de vocês, vamos deixar a única coisa que vocês têm para vender redundante, dispensável, e, portanto, vocês vão se matar para conseguir os poucos empregos que vão sobrar. Porque nós vamos calibrar: a gente abre a torneira, fecha, abre, fecha, abre, fecha, até vocês se exaurirem”.

Aí você vai ampliando a massa das pessoas que estão p. da vida e não têm mais a quem recorrer, porque não existe mais grande partido proletário, não tem mais grandes uniões sindicais, não tem mais representação no Congresso, fundo público para fazer políticas públicas de compensação social. “O que a gente vai fazer? A gente vai chutar o pau da barraca”. Aí aparecem os líderes demagogos: “Eu resolvo”. Esses caras, a casta política infame, esse Estado, esses grandes capitalistas não vão resolver os problemas, estão só agravando. “Nós vamos resolver, mas nós vamos resolver de uma maneira muito especial, bem radical”. E começa a aparecer aquilo que para facilitar nossa vida chamamos de populismo, autocracia. Que é para administrar, para colaborar com a manutenção desse teto [de gastos].

Então começam a aparecer as semelhanças com a crise de entreguerras, Terceiro Reich, começa a aparecer crime organizado, começa a aparecer cobrança por proteção, pilhagem, e assim por diante. A República de Weimar dos anos 30 estava a ponto de se desfazer numa espécie de arquipélago de bandos armados. O próprio partido nazista nada mais era que crime organizado.

Eram bandidos com folha corrida na polícia. Eram aventureiros.

**Revista Adusp.** A nata da escória.

**Paulo Arantes.** A nata da escória que o grande capital achava que ia manipular — e foi o contrário que se deu: eles engoliram o grande capital e fizeram o que fizeram. Não entra na cabeça de ninguém que as megaempresas alemãs queriam aquilo que o Hitler fez. Mas Hitler enxergava mais longe, porque dizia o seguinte: “Olha, vocês estão aí um pouquinho assustados, mas é necessário entrar em guerra. Sabe por quê? Porque eu pareço idiota, louco, mas eu presto atenção. Eu fiz a Primeira Guerra Mundial, sei que existe uma potência que será uma megapotência daqui a pouco tempo, que entrou tardiamente na Primeira Guerra Mundial para resolver essa guerra, deixou a Inglaterra sangrar até o fim e transformou a Inglaterra no seu próprio cliente endividado. Chama-se Estados Unidos. A economia deles é tal que eles precisam, eles vão, certamente, acertar as contas com a União Soviética. A guerra civil na União Soviética já foi isso. Todo mundo interveio para acabar com o ovo na casca”.

“Então, nós vamos fazer o que? Nós precisamos fazer o que os americanos, ingleses e franceses fizeram, isto é: precisamos nos transformar numa grande potência capitalista, subordinando a classe trabalhadora, obviamente, de maneira radical, perto da escravidão se for possível. Contem conosco para isso. Mas não temos colônia, não temos acumulação primitiva. Então nós vamos fazer o que? Nós vamos colonizar a Europa, a começar pelo leste europeu. Lá é

uma subraça, o que não for necessário a gente extermina, o que for necessário a gente bota para trabalhar e o resto a gente ocupa. Vai ser o nosso celeiro, petróleo, trigo e assim por diante”.

“E a Europa será unificada. Sob a nossa égide será uma fortaleza alemã e aí sim nós teremos condições de enfrentar de igual para igual os Estados Unidos — que nesse meio tempo já terá abocanhado a Inglaterra e vai disputar conosco a Europa e a Ásia. Mas aí vamos entrar em acordo, porque nenhum pode vencer o outro. Nós estaremos aqui no nosso canto, eles estarão no canto deles no resto do mundo, o mundo será dividido”. Era esse o projeto do Terceiro Reich.

Aí os industriais: “O senhor tem razão. A Alemanha pequenininha voltando a se rearmar e se reindustrializar depois de ser destruída na Primeira Guerra, em dez anos não teremos condições de enfrentar os Estados Unidos, que vão tomar conta disso aqui. E nós temos do outro lado um monstro chamado União Soviética, que volta e meia está dando um pontapé em nome da revolução mundial, fazendo subversão e tal. Não vamos aguentar o tranco. Esse monstro tem petróleo, tem recursos naturais em abundância, eles estão se industrializando rapidamente, portanto eles vão nos ameaçar como potência capitalista à maneira deles. Então temos solução. O senhor aí, que é um bandido, viu na frente, vamos para a guerra”. Eles não tinham alternativa. “Ah, como ele fez essa loucura, pode perfeitamente contemporizar com a Inglaterra, fazer um acordo com a União Soviética”.

Hitler sabia que cedo ou tarde é da natureza que haja uma guerra por hegemonia, como está acontecendo agora com Estados Unidos e China. Pode-se negociar uma trégua, armistício, mas tudo empurra para lá. Tudo isso para dizer que é nesse momento que aparece alguma coisa chamada autocracia, fascismo, populismo, como nós quisermos, que são os Estados nacionais que se voltam sobre si mesmos para defender um pequeno núcleo da sua população num bote salva-vidas chamado Estado-nação que vai protegê-lo, o resto será chutado e as fronteiras fechadas. Imigrante não entra.

Imigrante nós sabemos que vai se multiplicar exponencialmente porque o planeta está acabando, os recursos físicos do planeta estão acabando, a gente sabe perfeitamente disso. Por que recorrem ainda à energia fóssil? Por uma razão muito simples: a transição energética obviamente é uma condição de sobrevivência para todos. Qualquer que seja o regime: China, Estados Unidos, União Europeia, essa transição tem que ser feita. Não há como multiplicar um Estados Unidos por dez Chinas; uma China são vinte Estados Unidos. É impossível, não há planeta para isso.

Mas para fazer essa transição energética é necessário financiamento. A transição é, ela mesma, um investimento industrial, organizacional gigantesco. E de onde vem o dinheiro? Da economia do carbono, não tem como. Então, para que haja transição, eu aprofundo aquilo que torna a transição cada vez mais cara, mais difícil, mais impossível. A China sabe, Estados Unidos sabem, União Europeia sabe.

## A Ucrânia é fruto da terapia de choque que acabou com a Rússia e também atingiu. Os oligarcas criados na Rússia também existem na Ucrânia. Os oligarcas partiram a Ucrânia em duas: um lado mais europeu e um lado etnicamente russo

**Revista Adusp.** Quais são os desfechos possíveis da guerra na Ucrânia?

**Paulo Arantes.** Até os Estados maiores que planejam a guerra, que tocam a guerra, vivem de conjecturas. Nenhum dos atores lá sabe exatamente o que a OTAN vai fazer, o que a Rússia vai fazer, o que Pequim vai fazer, o que Washington vai fazer. Eles chutam. Todo mundo tem os seus serviços de inteligência, mas serviço de inteligência não vale coisa nenhuma. Então é impossível prever.

A Ucrânia é mais fácil de explicar porque tem um histórico: a história da Rússia do Império czarista, depois União Soviética, depois a desintegração da União Soviética. A Ucrânia é fruto da terapia de choque que acabou com a Rússia e também atingiu. Os oligarcas que foram criados na Rússia também existem na Ucrânia. Os oligarcas partiram a Ucrânia em duas: tem um lado leste e um lado oeste. Um lado mais europeu, mais entrosado econômica e socialmente com o leste europeu, mas mesmo assim considerado primo pobre. E tem

um lado mais entrosado com a Rússia porque foi parte da economia do carvão naquele momento, é russófilo, é etnicamente russo, fala russo embora seja ucraniano.

Então, ali teve sempre conflito: na época do Tzar, do Império, na época da União Soviética e depois. Cedo ou tarde aquilo iria explodir. No momento em que, digamos, a Rússia viu que se ela não tomasse providências iria ficar fora do jogo ela tomou iniciativa e falou: “Vou virar a mesa”. Os americanos sabiam que eles iriam virar a mesa. Os chineses não sei, os chineses não gostaram muito. Mas a Rússia virou a mesa porque ela sabia que nessa famosa transição energética ela é a grande parte perdedora, porque é a maior potência fóssil do planeta. Fora isso, como disse alguém, ela é uma espécie de Burkina Fasso com armas atômicas. Um país de periferia, “Terceiro Mundo” como se dizia antigamente, com arma atômica. Iria ficar de fora dessa corrida tecnológica, armamentista, econômica, frente à China, Sudeste Asiático e Estados Unidos. Então saiu na frente.

Não adianta dizer quem é o culpado, ideologizar se tem direitos, se tem democracia. Não tem democracia em lugar nenhum. Isso não vem ao caso. Os dois lados são realistas. A diplomacia, a política externa de todo o mundo é realista. E realismo é um pensamento fetichista, porque do ponto de vista marxista nós ainda estamos na pré-história e a pré-história é assim mesmo: um abocanha, o outro come. O capitalismo é isso.

Então, voltando à pergunta, o que acontece? Os Estados maiores já perceberam que essa guerra encruou, ela vai ficar dez anos e talvez dê um

“armistício coreano” pela frente: fica onde está, para de dar tiro, vai ter uma linha divisória e ficam às escaramuças por meio século se ainda existir planeta. Que fizeram os Estados Unidos? Deram o seguinte recado, estou reproduzindo artigo de um analista alemão: terceirizaram a guerra. “Olha, eu financio, como sempre, nós estamos financiando, mas nós estamos dosando, não estamos nem financiando totalmente que é para arrebentar com a Rússia, nem a Rússia está arrebentando inteiramente com a Ucrânia. Então, se a Rússia moderou, nós moderamos e há guerra por procuração entre os dois”.

“Olha, União Europeia, Otan, é com vocês. Vem cá, Alemanha. Você que é a mais riquinha de todas aqui, vou dar coordenação militar, diplomática, industrial, financeira para você que tem a chave do Banco Central Europeu na mão — o resto é um bando de *mortos de fome*. Vocês vão cuidar disso, vão entreter a Rússia aí. Manda bomba para um lado e para o outro e tal”. O povo ucraniano, que não tem nada a ver com a história, já se ferrou. A Ucrânia acabou. Não existe mais. Ela é inviável. Acabou. É apenas um teatro de guerra. “Mas vocês vão manter esse teatro de guerra em funcionamento com vocês. Eu dou um dinheirinho, empresto para vocês não desacelerarem, porque o meu negócio é a China. Eu vou me concentrar, vou me voltar inteiramente. Já tenho várias alianças no Pacífico: com a Índia, Austrália, Japão, Nova Zelândia e assim por diante. Meu negócio é cercar a China, dar um calorzinho nos homens”. Essa é a guerra, que pode ou não pode acontecer.



Daniel Garcia

Já começou e tanto faz se é republicano ou se é democrata. Foi o Trump que declarou as hostilidades abertamente, porque a guerra já existia. Obama: “Nosso pivô para a Ásia é isso, é conter a China, como nós contivemos a União Soviética. Tem muita gente aqui nos Estados Unidos, nossos *think tanks* que pensam política internacional, nós podemos tocar o nosso velho projeto da Guerra Fria que ainda não se encerrou”. Não estou, com isso, querendo dar razão ao Putin, é realismo mesmo, dos dois lados.

Alguns veteranos da Guerra Fria, como [Henry] Kissinger, diziam: “Olha, não é bom fazer isso, vai dar m.”. Mas o projeto, desde o início, é acabar com a Rússia. “A Guerra Fria nós vencemos sem precisar disparar um míssil ou uma ogiva nuclear, botamos a União Soviética no chão, agora nós vamos avançar. Nós vamos avançar e, se possível, desintegrá-la. Ela vai virar um monte de províncias independentes, aqui e acolá, com recursos naturais abundantes, próprios. Nós vamos fazer uma mudança total de regime”. Tem muita gente nos Estados Unidos querendo fazer isso.

**Qual era a racionalidade de a Europa praticamente se autodestruir de 1914 até 1945? Nenhuma. Do ponto de vista norte-americano, sim. Porque ganharam a guerra. Ganharam e vão levar até o fim. As razões geopolíticas da Rússia têm que ser levadas a sério. Não é paranoia do Putin**

**Revista Adusp.** Ainda assim, se o inimigo principal dos Estados Unidos é a Rússia, o que explica o alto grau de envolvimento dos Estados Unidos nessa guerra?

**Paulo Arantes.** Pois então. Qual é o senso? Guerra e capitalismo são sinônimos. “Qual é o sentido disso?”. Não tem. Qual era a racionalidade de a Europa praticamente se autodestruir de 1914 até 1945? Nenhuma. Do ponto de vista norte-americano, sim. Porque

eles foram os únicos que ganharam a guerra. Ganharam a guerra não por acaso e em todos os sentidos. Primeiro, eles impediram que houvesse uma potência hegemônica no continente europeu que se transformasse em uma fortaleza. E segundo, ganharam porque saíram da crise produzindo armas, até o Projeto Manhattan, e depois continuaram a prosperar reconstruindo a Europa. Não foi reconstruir de graça: foi empréstimo. Então a Europa ficou de joelhos. A Europa acabou, passou a ser uma máquina de produzir. Aí foram os 30 anos gloriosos, completamente na mão de um Estado administrativo, social e assim por diante.

Os Estados Unidos ganharam essa guerra de hegemonia e vão levar até o fim. As razões geopolíticas da Rússia têm que ser levadas a sério. Não é só paranoia do Putin. “Nós somos um território. Nós não estamos protegidos como a Inglaterra, os Estados Unidos, porque os Estados Unidos são uma ilha continental. Nós somos cercados de planícies. Então nós somos objetos de invasão, fomos objetos de invasão desde que existimos, desde os cavaleiros teutônicos até Napoleão, Hitler; desde os tártaros, mongóis e assim por diante. De modo que nós somos um alvo preferencial. Temos que, portanto, nos expandir e o nosso entorno estratégico — que ingleses e americanos chamam de *near abroad* — é intocável”.

E o Putin: “Se eu perder a corrida o meu regime acaba e eu gosto do poder. Eu e meus associados” — uma gangue, todo mundo tem a mão no petróleo, nos meios de comunicação, em bancos, dinheiro no exterior. “Então, se eu perder essa corrida, se eu ficar muito, muito, muito para trás eu estou frito, acabou o meu regime e vai se desintegrar

como a Iugoslávia, é o que eles querem. Então vou *chutar o pau da barraca*".

É uma loucura, claro, porque nós estamos a alguns minutos de uma guerra mundial a qualquer momento. A China morta de medo. Mas, apesar disso, é um conflito que já está circunscrito. Todo mundo fala, fala, fala, mas já está circunscrito. Já está, como dizem no mercado, o pessoal da Faria Lima, já está "precificado". O conflito agora é dos Estados Unidos com a China. E há um grande risco. Os analistas europeus mais clarividentes estão dizendo o seguinte: "Tem muita gente louca nos Estados Unidos que está pensando: 'Olha, se nós vamos inevitavelmente entrar em choque com a China, é essa a hora. É essa a hora de antecipar o inevitável. É agora ou mais adiante vai ser muito difícil. É essa a hora de dar um chega para lá na China'". Tem gente louca para fazer isso. Por isso se multiplicam as provocações em torno de Taiwan.

A China, se pudesse torcer o pescoço do Putin, torceria: "Olha o que você nos aprontou. Nós estamos fragilizados, você nos arruma uma guerra, você está vivendo porque vende petróleo para a Índia e assim por diante, nós estamos lhe financiando por baixo do pano, mas não estamos lhe armando porque não queremos guerra. Você nos arruma uma guerra agora e os americanos já descobriram que nós estamos a perigo, terceirizaram para Europa, para a OTAN, e vêm para cima da gente. Nós estamos desarranjados nesse momento. Nós estamos atrás na corrida tecnológica".

**Revista Adusp.** A China?

**Paulo Arantes.** Estão lá atrás. É um mito de que está na frente. Nesse momento não está. "Nós podemos

alcançá-los e ultrapassá-los se for o caso, temos *know-how* para isso, mas não se esqueçam de que os Estados Unidos estão nisso aí há dois séculos e nós começamos há quarenta, cinquenta anos". E tem americano pensando em aproveitar essa oportunidade de tentar levar a China às cordas.

**Revista Adusp.** Você explicou o que motiva a Rússia, mas a minha questão é o que motiva os Estados Unidos a agirem como estão agindo em relação à Rússia.

**Paulo Arantes.** Porque os Estados Unidos também não são um núcleo de racionalidade. Muito pelo contrário: é um bando de paranoicos. Assim como a paranoia russa é desde o *rus*, em torno de Kiev, quando se formou, ganharam dos vikings, dos suecos e assim por diante, a paranoia dos Estados Unidos é perder a hegemonia. Hegemonia do dólar que está lastreado não em ouro, mas em armas nucleares, e na capacidade de emitir dinheiro mundial. O que deixa os Estados Unidos enlouquecidos, no caso, é perder essa hegemonia, que significa perder a corrida tecnológica com a China.

Então há, digamos, essa paranoia americana. O Império Romano declinou, mas demorou quatro séculos, né? Os Estados Unidos não podem demorar tanto. Não digo quatro séculos, não vai demorar tanto tempo, senão o planeta acaba. Nos Estados Unidos vários livros tratam desse tema: "Quem é o responsável e por que perdemos a Rússia logo depois da Guerra Fria?" A terapia de choque é uma loucura do neoliberalismo. Estava fazendo isso no planeta inteiro, "vamos reconstruir a Rússia à nossa maneira e vai ser um p. mercado". Destruíram a Rússia. A Rússia, foi, durante dez

anos, administrada por controle remoto, não tinha governo, não tinha economia, não tinha nada.

Putin, de certa maneira, pôs a casa em ordem, barbarizando. Disse: "Olha, vem cá", chamou todos os oligarcas, "vocês que meteram a mão em tudo aqui, eu conheço, sou policial, eu tenho a ficha de vocês todos. Podem continuar a roubar, matar e fazer o que vocês fazem. Podem continuar essa economia criminoso, mas vocês vão pagar um pedágio porque eu vou reconstruir a indústria russa para poder reconstruir a minha indústria bélica, porque é a única chance que eu tenho, o resto eu já perdi, acabou. E quem sair da linha, cadeia". Começou a prender oligarca a rodo. O resto entrou na linha e paga o tributo. Paga o tributo e com isso ele reconstruiu uma parte da economia industrial dirigida para a tecnologia bélica.

Todo mundo está correndo contra o tempo e é uma corrida tecnológica porque a tecnologia é arma, são indissociáveis.

Portanto, resta saber se isso vai ou não vai acontecer. O problema é que antes disso acontecer o planeta vai acabar. E vai acabar porque vai ser uma inundação de gente, porque está sendo devastado, imigração por mudança climática mesmo. Centenas de milhões de migrantes. Ninguém vai tolerar isso. Portanto, fascismo. O fascismo é isso. E está aparecendo o que os franceses chamam de "a tentação ecológica do fascismo". Existe um fascismo ecológico prosperando na França, na Europa e assim por diante. Também são preservacionistas, amam o verde e assim por diante. "Tem que jogar no mar todo mundo que poluir o nosso verde, o nosso ter-

reno, o nosso território, nossa terra, nosso sangue”. Tem que acabar em fascismo, não tem como. Guerra.

## Que “onda rosa” [na América Latina]? Nós aqui escapamos do horror por 1,8%! E os caras uma semana depois tentaram um golpe. São majoritários em governos estaduais, Câmara e Senado. Lula pode fazer Plano Safra de bilhões de reais, o agronegócio vota na extrema-direita

**Revista Adusp.** Mudando para a nossa pobre região. Durante algum tempo, nos últimos anos, houve a impressão de que estaria ocorrendo uma segunda onda de vitórias da esquerda, do progressismo em geral — Lula conseguiu nas condições que a gente conhece, Petro na Colômbia, Boric no Chile etc. Qual é sua avaliação a respeito?

**Paulo Arantes.** Nem no Brasil a gente entende de fato o que está se passando. Só para entender a Argentina... Você conhece a famosa piada de um Prêmio Nobel de Economia? Existem três tipos de países: os países que se deram bem, os países falidos e a Argentina.

**Revista Adusp.** É *sui generis*.

**Paulo Arantes.** Ninguém entende. Uma amiga minha argentina disse que na Argentina existe algo que ninguém entende: o “peronismo infinito”. Tem centro, direita, extrema-direita, es-

querda, centro-esquerda... Tudo é peronismo. O que a gente sabe da América Latina? Quem é que diria que aquele estrupício de extrema-direita [Javier Milei] iria chegar na frente nas primárias? E quem, em sua consciência, pode dizer para o eleitor argentino: “Esse cara é louco, vai acabar de vez com a Argentina”? A Argentina está acabando há cem anos. “Estamos em guerra civil, fomos fundados por uma guerra civil. Esse cara é louco, tudo bem. Mas o bom senso está do lado do governo, seja o Macri ou uma facção do peronismo [Fernández], que nos deixou nessa m.”? Então, faz o quê?

Já não sei quais são os indicadores sociais da Argentina, mas o número de pessoas pobres e miseráveis deve ter ao menos duplicado nesses quatro anos de 100% de inflação. Já estava desindustrializada. Falar de Argentina e caos é sinônimo. No entanto, sobrevive. É um milagre.

Que “onda rosa”? Nós aqui, por favor, escapamos do horror por 1,8% [diferença de votos entre Lula e Bolsonaro]! E os caras uma semana depois tentaram um golpe.

**Revista Adusp.** Sim. E elegeram governadores nos estados mais importantes.

**Paulo Arantes.** São majoritários em governos estaduais, na Câmara e no Senado. Sem falar em prefeituras. O que nós ganhamos? Ganhamos o direito de botar todo esse pessoal dentro do governo. Aí eles vão brigar, não dá para pôr todo mundo. Então fica de fora. Essa a tática do Lula. Você vê o Chile. Que faz o pobre do Boric? É um moleque sério, moderado, resultado de uma sublevação social importante no Chile. Os caras morreram, ficaram cegos. Botaram um milhão de pessoas na rua

dizendo: “Não queremos mais a Constituição do Pinochet. Queremos um estado social, queremos previdência. Vamos mudar a Constituição. Façam a Constituinte”. Fizeram a Constituinte. “Ah, mas não queremos esta Constituição porque tem muita bagunça, então vamos voltar à do Pinochet”.

Diante disso o Boric reuniu-se com a turma do [Sebastián] Piñera ou enfim, quem for sucedê-lo. Isso está nos jornais, não estou inventando nada. “Eu não vou ser candidato à reeleição. Isso está fora de cogitação, para mim acabou. Eu vou voltar a fazer trabalho de base. Só peço para vocês não exagerarem na dose. Uma previdenciuzinha, uma escolinha pública, um hospitalzinho, tá?”. Aí os caras: “Pode deixar, a gente vai se controlar”. Imagine. Não existe autocontrole, só quando o outro lado é mais forte. O Chile renunciou à sua própria possibilidade de se reorganizar. E tem lá o cara de extrema-direita que disputou com o Boric pronto para dar o bote.

Então, você já vê: aqui, 1,8% e todo mundo em pé de guerra. Faria Lima está quietinha, contente com o Haddad. Mas tem que ser muito ingênuo para acreditar que isso dura mais de dois ou três meses. Não tem como. Viram a mesa na hora que bem entenderem, se acharem que é necessário. O agronegócio então, Lula pode fazer Plano Safra de quantos bilhões de reais quiser. Na primeira eleição, o agronegócio vota na extrema-direita, não tem conversa. Aprendeu com a Dilma Rousseff.

Então, não sei onde é que a onda rosa existe. O Uruguai está acabando na seca. E os caras falaram: “Mercosul? Isso é bobagem. Nós vamos fazer comércio com o mundo inteiro, bilateral”. Acabou. **(P.E.R.P.)**